

RESUMO PARA COMUNICAÇÃO PERFORMATIVA PRESENCIAL -
EPISTEMES DE COSMO-FORMAÇÃO

**ENCANTAR A NATUREZA MORTA: MORTE, IMAGINAÇÃO E COSMO-
FORMAÇÃO NA CENA INTERCULTURAL**

Veronica Fabrini Machado De Almeida (vefabrini@gmail.com)

Auxiliadora Domingas Cardoso Lilly Baniwa (a260867@g.unicamp.br)

Cada vez mais, a morte se impõe como presença insistente no cotidiano contemporâneo: da pandemia de 2020 ao genocídio em Gaza, dos genocídios indígenas no Brasil à memória traumática do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Diante desse cenário, esta comunicação parte de uma pergunta radicalmente cênica: e se os mortos entrassem em cena não como representação, mas como presença?

A proposta assume formato performativo. Não se trata apenas de refletir sobre morte, imaginação e criação, mas de experimentar, no próprio ato da apresentação, procedimentos que convocam espectros, ancestralidades e forças invisíveis como co-participantes do acontecimento teatral. A cena é compreendida como zona de fricção ontológica — espaço onde diferentes regimes de realidade podem coexistir — e como dispositivo de cosmo-

formação: um campo de afetos gerados por múltiplas agências, humanas e não humanas.

A investigação parte de ontologias que rompem com a linearidade temporal e assumem a concomitância entre planos visíveis e invisíveis. Dialoga com o perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro) e com formulações animistas contemporâneas (Stengers), ampliando as parcerias nos processos de criação e reconhecendo agência a forças espirituais. Mobilizam-se as noções de corpo como pussanga, desenvolvida pela artista Lilly Baniwa, e de arte como ação do püllu (espírito em idioma mapudungu), proposta pelo artista mapuche Francisco Huichaqueo. Em ambos os casos, a espiritualidade não é metáfora, mas ato político e fundamento cosmopoético do fazer artístico.

No campo teatral, a pesquisa aproxima-se da dimensão mágica evocada por Antonin Artaud e da imaginação ativa proposta por Michael Chekhov, compreendendo o trabalho do ator como operação concreta sobre forças invisíveis. O performer não representa o morto: negocia com ele. Não interpreta o espectro: hospeda-o. Assim, a cena desloca a centralidade do sujeito moderno e reconfigura o acontecimento teatral como espaço de composição entre mundos.

Situada no território complexo da interculturalidade — no diálogo baniwa-branco que constitui o lugar de fala das autoras — a reflexão inspira-se na Poética da Relação, de Édouard Glissant, especialmente na noção de opacidade como ética do encontro, reconhecendo a diferença como respeito à “opacidade do outro”, isto é, àquilo que não pode ser reduzido à própria medida. A partir dessa perspectiva, articula-se ao txaísmo, tal como formulado por Jaider Esbell, que propõe a diminuição da centralidade da vida humana em favor de uma coexistência ampliada entre formas de existência.

Propõe-se, assim, pensar a cena como prática de cosmo-formação: um processo no qual imaginação, espiritualidade e política se entrelaçam na criação de mundos compartilhados. Ao reencantar aquilo que foi declarado “natureza morta”, pergunta-se: pode o teatro tornar-se um espaço onde cosmopolítica e cosmopoética se confundem? Não residiria na espiritualidade

— entendida como prática relacional entre planos de existência — a própria possibilidade do encontro?

Palavras-chave: performance intercultural; cosmopoética; cosmopolítica; imaginação; ontologias animistas.